



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apresentação

Jair Pinheiro

Como citar: PINHEIRO, Jair. Apresentação. *In:* PINHEIRO, Jair (org.). **Marx:** crise e transição: contribuições para o debate hoje. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 7-12.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-597-1.p7-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

A Queda do Muro de Berlim em 1989 varreu da agenda da maior parte dos pesquisadores todos os temas que guardam alguma afinidade como o socialismo, como crise do capitalismo, transição, classes, etc.; desde então a acusação mais leve dirigida aos que persistem pesquisando esses temas é a de serem ideólogos. Naturalmente os acusadores se dispensaram de apresentar uma definição conceitual de ideologia, pois esta lhes parecia óbvia; ironicamente, é uma premissa do *modus operandi* da ideologia: a obviedade que dispensa explicação.

Doravante, assumida essa suposta transparência da realidade, todas as relações sociais reduzem-se a fornecedores e consumidores, as duas únicas categorias sociais admitidas como relevantes para o processo histórico. Como disse o ex-presidente da Unilever: “As velhas e rígidas barreiras estão desaparecendo – classe e status, *blue collar* e *white collar*, conselho de condôminos e de proprietários, empregada e dona de casa. Cada vez mais, somos simplesmente consumidores.” (MICHAEL, 1994). Portanto, restaria apenas aperfeiçoar os dispositivos legais de regulação de mercado para garantir segurança jurídica (o mantra dos tempos neoliberais – JP) a essas categorias, agora erigidas a células básicas da sociedade.

Complementa esta visão a previsão de que,

O fim da história será um tempo feliz. A luta por reconhecimento, a disposição para arriscar a própria vida por objetivos puramente abstratos, a luta ideológica mundial que fazia emergir a ousadia, a coragem, a imaginação e o idealismo, serão substituídos pelo cálculo econômico, a permanente solução de problemas técnicos, preocupações ambientais e a satisfação de demandas sofisticadas de consumidores. (FUKUYAMA, 1989)¹

Entretanto, a vingança da história não tardou a demonstrar que o caminho da utopia neoliberal não seria plano nem suave. Desde então,

¹ Em trabalho posterior o autor reconsidera este otimismo, sem reconsiderar a tese central.

as crises têm-se sucedido umas às outras, como em todo período histórico anterior, ainda que com intervalos menores. Já em 1990 estoura a bolha do mercado financeiro japonês, dois anos depois, o ataque especulativo ao *European Exchange Rate Mechanism*, sistema que antecedeu a criação do Euro; dois anos depois, o Efeito Tequila, como ficou conhecida a crise da dívida mexicana; seguida da crise monetária do sudeste asiático, em 1997; no ano seguinte, a crise financeira russa; em 2001, o colapso da economia argentina; em 2008 a crise financeira global.

Há estudos que consideram que ainda estamos em meio a uma crise de longo prazo e, outros, que consideram que em 2009 começou um novo ciclo de expansão que já apresenta os sinais de esgotamento. Em qualquer dos casos, a crise permanece na agenda porque é inerente ao sistema. A denominação e periodização dessas crises têm variado entre os estudiosos do tema, cito-as apenas para ilustrar o contraste entre a utopia neoliberal e o movimento real da economia, que em tudo a contraria. Seja como for, essas crises foram seguidas de grandes mobilizações e/ou explosões de revolta daqueles que as vivem como fardo, não como janela de oportunidades.

Entre as mobilizações que marcaram época, pelos critérios de permanência e repercussão, pode-se citar o movimento zapatista e o caracazo. A primeira aparece no estado de Chiapas, ao sul do México, uma expressão emblemática do protesto contra os efeitos das políticas neoliberais na periferia de um país periférico, uma comunidade majoritariamente indígena se levanta em primeiro de janeiro de 1994, data simbólica porque escolhida para a assinatura do NAFTA, acordo de livre comércio entre EUA, Canadá e México, apresentado por seus defensores (políticos, jornalistas, pesquisadores etc.) como a chave do desenvolvimento e do combate à pobreza (o segundo, efeito do primeiro). Justamente contra este vaticínio, aquela comunidade se levanta e proclama:

HOY DECIMOS ;BASTA!, somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad, los desposeídos somos millones y llamamos a todos nuestros hermanos a que se sumen a este llamado como el único camino para no morir de hambre ante la ambición insaciable de una dictadura de más de 70 años encabezada por una camarilla de traidores que representan a los grupos más conservadores y vendepatrias. (EJERCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL, 1993).

Seria este levante a expressão do atraso de uma comunidade constituída de pessoas simples e ignorantes das leis do desenvolvimento ou estaria indicando um problema que não cabe no modelo teórico dominante? Os textos que compõem a presente coletânea permitem sustentar a segunda hipótese.

A segunda mobilização que marcou a conjuntura é a revolta popular ao anúncio do pacote de medidas neoliberais pelo governo de Carlos Andrés Pérez na Venezuela, em 27 de fevereiro de 1989, conhecida como caracazo. Apesar de o nome referir-se à cidade de Caracas, a revolta se estendeu por todo o país, teve como efeito a implosão do sistema partidário e a deflagração da Revolução Bolivariana, a qual impacta o debate político local, regional e global ainda hoje. Os últimos acontecimentos sugerem que assim continuará.

Pelo critério de globalidade da crise e seus efeitos, se destacam o Occupy Wall Street, que ocupou a Liberty Square, no distrito financeiro de Manhattan, em Nova York em 17 de setembro de 2011; e os Indignados, que ocuparam a praça Puerta del Sol em Madrid, em 15 de maio de 2011. Ambos os movimentos se espalharam rapidamente para outras cidades, se caracterizaram por constituir-se de uma ampla rede de organizações ideologicamente heterogênea, denunciaram a captura da democracia pelo mercado financeiro, se tornaram modelo para jovens de todo o mundo (inclusive do Brasil), que também organizaram ocupações de praças em cidades importantes dos seus países. Apesar da repercussão internacional alcançada, ambos os movimentos perderam expressão; hoje quase não se fala mais deles. O Occupy Wall Street mantém um animado debate pela internet, mas sem mobilização e ação direta; os Indignados deram origem ao partido Podemos, que elegeu cinco deputados para o Parlamento Europeu em 2014 e assusta o *establishment* espanhol. Uma hipótese para essa “acomodação” é terem caído na normalidade, na medida em que predominou neles uma explicação da crise como ganância de uma minoria de banqueiros, muito próxima da falta de regulação alegada pelo *mainstream* formado pelo jornalismo econômico, departamentos de economia estreitamente vinculados ao mercado financeiro e políticos ligados a partidos da ordem.

Neste período, também se observou muitas explosões de revolta provocadas pelo empobrecimento urbano devido à retirada de direitos

sociais, queda de investimentos em serviços públicos e da renda do trabalhador. Para contrariar a suposição largamente estimulada pelo jornalismo econômico de que crises e explosões de revolta são provocadas por políticas erráticas de governos populistas em países periféricos, destaque-se os casos de Paris e Londres.

Em 27 de outubro de 2005, na chamada Zona Sensível, por concentrar uma população pobre de 5 milhões de habitantes na periferia de Paris, uma perseguição policial a alguns jovens deu lugar a uma explosão de revoltas que durou 19 dias, com um saldo de 8.900 carros queimados. Em 06 de agosto de 2011, após a morte de um jovem negro pela polícia em circunstâncias suspeitas, a periferia de Londres viveu três dias de revoltas com saques e depredações. Em ambos os casos, uma operação policial aparentemente rotineira fez eclodir, sob a forma desorganizada e despolidizada de explosão de revolta, o sentimento de injustiça que o combate neoliberal à política de proteção social,² fermenta nas periferias urbanas, onde o Estado burguês opera principalmente através do seu aparato repressivo.

Desde o primeiro momento, afrontando a nova palavra-de-ordem do fim da história, pesquisadores vinculados a departamentos e grupos de pesquisa de importantes universidades brasileiras e estrangeiras têm buscado enriquecer o arcabouço teórico crítico, aplicando o método do materialismo histórico ao estudo de acontecimentos como os acima citados, revisitando antigos temas e/ou propondo novos.

O grupo de pesquisa Cultura e Política do Mundo do Trabalho (CPMT) vem realizando o Seminário Internacional Teoria Política do Socialismo, desde 2005, com apoio do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas (DCPE) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC/UNESP/Marília). A quinta edição, realizada em agosto de 2013, teve como tema “Marx: crise e transição”, ocasião em que se debateu a crise e seus vários aspectos, assim como os desafios que o atual estágio do capitalismo impõe ao pensamento crítico e à prática política que visa à sua superação.

O presente volume traz algumas das contribuições apresentadas naquela ocasião. Abre a coletânea o trabalho de Marcos Del Roio, inti-

² A este respeito, veja-se Organização Internacional do Trabalho (2014).

tulado *Socialismo na URSS*, no qual o autor examina aquela experiência histórica segundo a tese de que o projeto de Lênin era o desenvolvimento de um capitalismo de Estado como fase de transição ao socialismo, o que se inviabilizou tanto devido às lutas internas como às intervenções imperialistas, resultando então em uma espécie de socialismo de Estado, que é o que ruiu em 1989; conclui Del Roio.

Francisco José Soares Teixeira, em *A contradição em processo e seus limites: a crise na era do capitalismo senil*, analisa os traços característicos do que a literatura denominou capitalismo senil, extraindo daí importantes contribuições tanto para a análise da história do capitalismo até aqui como para os limites a ele inerentes.

Em *Acerca da problemática da transição socialista: avanços teóricos e os recuos das experiências do chamado “socialismo real”*, Luiz Eduardo Motta passa em revista o debate teórico suscitado pela experiência histórica, concluindo que “Ao enfatizar as relações de produção, o marxismo althusseriano demarcou claramente como ponto central na sua análise a luta de classes e as suas contradições dentro e fora dos aparatos estatais.”

No mesmo diapasão de análise das experiências históricas e das lições que comportam, Luciano Cavini Martorano, em *Notas para uma discussão atual sobre o socialismo*, apoiando-se em Balibar e Betelheim, aborda as questões da socialização econômica, da política e da representação política no socialismo.

Milton Pinheiro desloca o foco da análise das experiências históricas para o debate teórico em torno da relação entre crise econômica e democracia, apresentando uma análise que explora os limites do formalismo da democracia burguesa e de como ele tem servido à precarização e pauperização dos trabalhadores. Em *Fortes instabilidades, crises à vista*, Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida explora as potencialidades do conceito de crise para analisar o debate político corrente e suas contradições.

Com o texto de Jason T. Borba, *Pivô Brasileiro, Crise e Transição na América Latina: Marx e a investigação de uma especificidade*, opera-se mais um deslocamento de foco, desta vez voltando-se para a economia na formação social brasileira e as suas características geoestratégicas que

articula o centro-sul do Brasil e a América Latina como componentes da acumulação internacional do capital.

Fecha o volume duas contribuições sobre a Venezuela: em *Luta pelo socialismo no interior da Revolução Bolivariana*, Jair Pinheiro apresenta uma interpretação daquela revolução apoiando-se numa definição conceitual de revolução em sentido amplo e restrito, ao mesmo tempo que periodiza o processo revolucionário segundo a correlação de forças das classes em luta; por fim, em *Lucha de clases y rentismo petrolero en Venezuela: riesgo y dificultades para la transición del capitalismo al socialismo*, Rafael Enciso apresenta uma análise da conjuntura latinoamericana, tendo como eixo interpretativo o peso da Revolução Bolivariana no subcontinente e a ofensiva do imperialismo estadunidense em aliança com direita venezuelana contra o governo Maduro.

Jair Pinheiro

REFERÊNCIAS

EJERCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL. Primera Declaración de la Selva Lacandona. 1993. Disponível em: <<http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

FUKUYAMA, F. The end of the history, summer, 1989. Disponível em: <<http://www.wesjones.com/eoh.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *World social protection report*. Geneva, 2014. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_245201.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.

PERRY, M. *The Brand: vehicle for value in a changing marketplace*. Londo: Advertising Association, President's Lecture, 1994.